

Da Semântica Cognitiva à Fonologia: a polissemia da entoação descendente e ascendente

Augusto Soares da Silva
Universidade Católica Portuguesa – Braga

1. Introdução

Pretendemos aplicar os instrumentos e métodos da Semântica Cognitiva por nós utilizados na análise de categorias polissémicas, lexicais (o verbo *deixar*: Silva, 1999) e gramaticais (o objecto indirecto: Silva, 2000; e o diminutivo: Silva, no prelo), a categorias bem diferentes – categorias prosódicas entoacionais. Desenvolvendo uma análise predominantemente semântica, procuraremos mostrar que as duas formas básicas da entoação no Português são amplamente significativas e se deixam também analisar, não em termos minimalistas de significados abstractos ditos “fundamentais”, mas como categorias prototípicas, radial e multidimensionalmente estruturadas e fundamentadas em imagens mentais e experienciais. Assumiremos, assim, uma concepção *polissémica* destas duas formas entoacionais, defendida já por Taylor (1995: 158-167), em vez da concepção *monossémica*, frequente nos estudos sobre os significados da entoação, como os de Brazil *et al.* (1980) e Cruttenden (1981, 1997).

2. O significado entoacional

Qualquer falante reconhecerá que a entoação contribui para o sentido de um enunciado. Mas não é fácil ao linguista explicar este contributo. Para esta tarefa, ele confronta-se com três problemas.

O primeiro tem a ver com a identificação dos elementos formais (*significantes*, na terminologia saussuriana) da entoação. Duas práticas tradicionais: a americana, em termos de ‘níveis’ de “pitch” e junturas terminais, e a britânica, na forma de um conjunto de tons ou ‘contornos’. Seguindo a primeira, o problema é saber quantos níveis distintos e quantos padrões combinatórios existem; optando pela segunda, é necessário identificar um inventário de tons, um conjunto restrito de tons básicos e um outro mais extenso de variantes. Por exemplo, Halliday (1970) identifica cinco tons básicos no inglês britânico (descendente, ascendente-alto, ascendente-baixo, descen-dente-ascendente e ascendente-descendente), ao passo que Cruttenden (1997) propõe sete (descendente-alto, descendente-baixo, ascendente-descendente, ascendente-baixo, ascendente-alto, descendente-ascendente e posição intermédia). Há ainda a abordagem auto-segmental que tenta combinar as duas tradições, mas

surge aí o problema do acento, designadamente a análise deste independentemente do “pitch”, na linha da tradição americana, ou, seguindo a prática britânica, em termos de “pitch movement”.

O segundo problema, que reúne ainda menos consenso, é determinar o contributo semântico de cada elemento formal da entoação para o sentido de um determinado enunciado. Para alguns linguistas a entoação contribui principalmente para a coesão do texto, ao passo que para outros ela releva primariamente da atitude do falante. Uns consideram a entoação um fenómeno primariamente gramatical, ao passo que outros tomam-na como exclusivamente interaccional. Resultam três diferentes abordagens da semântica da entoação: duas mais antigas, a gramatical (típica das gramáticas e dos manuais de linguística; e a de Halliday, 1970, por exemplo) e a atitudinal (p. ex., Pike, 1945; Kingdon, 1958), e outra mais recente, a discursiva (Brazil, 1975; Brazil *et al.*, 1980).

O terceiro problema, ainda mais complexo, tem a ver, já não com a natureza do significado entoacional (gramatical, atitudinal ou discursiva), mas com a pluralidade de significados ou *polissemia* de determinada forma entoacional. Concretamente, deverá a análise colocar-se num nível mais abstracto e postular um único significado fundamental (“core meaning”) para cada forma entoacional, tal como procedem, por exemplo, Brazil *et al.* (1980) e Cruttenden (1981, 1997), ou privilegiar o nível dos significados mais específicos e intuitivos? E como é que os vários significados se associam numa mesma forma e quais as suas motivações?

É deste terceiro problema (em parte, também do segundo) que trataremos aqui. Quanto aos outros, assumiremos a divisão básica entre tons nucleares descendentes (isto é, curvas que terminam numa qualquer descida) e tons nucleares ascendentes (curvas que terminam numa qualquer subida) e evidenciaremos o entrelaçamento de conteúdos gramaticais, atitudinais e discursivos no significado entoacional.

3. Os significados das curvas descendente e ascendente

Consideremos os pares de enunciados (1)-(14), grande parte dos quais são adaptados de Cruttenden (1981: 79). Utilizamos as seguintes convenções de transcrição: / indica os limites de um grupo ou unidade entoacional, \descida, /subida, ^descida-subida, ^subida-descida, sinais sobrepostos indicam uma variedade alta e sinais subpostos uma variedade baixa.

- (1) a. O João \vem.
b. O João /vem?
- (2) a. Fui ao /Porto / e vi o con \certo.
b. Fui ao \Porto / e vi o con \certo.
- (3) a. ^Penso que está ali.
b. \Sei que está ali.
- (4) a. Vou pela auto-es \trada / geral /mente.
b. Vou pela auto-es \trada / \sempre.

- (5) a. Al [˘]guns atletas / chegaram à [˘]meta.
 b. [˘]Todos os atletas / chegaram à [˘]meta.
- (6) a. Eu su [˘]ponho que sim.
 b. É tudo o que há ^ˆpara ti.
- (7) a. /Pão / /queijo / /água / /fruta
 b. /Pão / /queijo / /água / /fruta
- (8) a. Vocês [˘]sabem / não [˘]é?
 b. Vocês [˘]sabem / não [˘]é?
- (9) a. Vão ser [˘]vinte / em [˘]Julho.
 b. Vão ser [˘]vinte / em [˘]Julho.
- (10) a. O [˘]Zé comeu o [˘]bolo.
 b. Quanto ao [˘]Zé / comeu o [˘]bolo.
- (11) a. O [˘]Zé comeu o [˘]bolo.
 b. Quanto ao [˘]bolo / o [˘]Zé comeu-o.
- (12) a. [˘]Cobras / não gosto de [˘]ver.
 b. Às seis [˘]horas / o [˘]Zé saiu.
- (13) a. A tese está [˘]boa.
 b. A tese está [˘]boa.
- (14) a. Real [˘]mente / ele não é tão bom como [˘]pensa.
 b. Real [˘]mente / ele não é tão bom como [˘]pensa.

O par (1) é o tipo de exemplo em que a curva entoacional descendente (1a) exprime uma 'asserção' (declaração), afirmativa, neste enunciado, ou negativa, no mesmo com o advérbio de negação, e uma subida acentuada da curva entoacional (1b) significa uma 'pergunta' ou qualquer pedido de informação. Esta é o que geralmente se reconhece como a função *gramatical* da entoação, na medida em que envolve uma distinção que de outro modo é marcada por meios sintácticos. É aqui que a entoação carrega uma significação *denotacional* (conceptual), designadamente uma oposição entre um enunciado que descreve o mundo (1a) e um enunciado que pede informação (1b). Mas aquela mesma distinção gramatical pode envolver uma oposição de significação *discursiva*: por exemplo, em (1b) o falante espera informação adicional do ouvinte. Ou então uma oposição de significação *emotiva* ou atitudinal: (1a) exprime certeza e (1b) dúvida, surpresa. É em relação a esta última distinção, mas despida do seu carácter emotivo, que Halliday (1970) estabelece uma oposição entre o que considera como o significado fundamental ("core meaning") de cada um dos contornos entoacionais: o descendente significa 'certeza' e o ascendente 'incerteza', e ambas as noções em relação à *polaridade* do enunciado, isto é, ao sim/não do que se diz. Assim, em (1a) a polaridade é conhecida (afirmativa), tal como o é o enunciado correspondente com o advérbio de negação; por isso, quer um quer outro recebem uma entoação descendente. Pelo contrário, em (1b) é a polaridade que é posta em questão e, por isso, o enunciado recebe uma entoação ascendente. Conclui Halliday (1970: 23): "We go down when we know whether something is positive or negative, and we go up when we do not know".

O par (2), com (2a) bem mais normal do que (2b), mostra que a primeira de duas orações coordenadas recebe uma entoação (ligeiramente) ascendente, a indicar 'continuidade' do que se está a dizer. Precisamente por isso, é atípico o uso de uma entoação descendente no mesmo contexto, como em (2b), dando a impressão de uma frase 'acabada, terminada' no momento em que é seguida pela conjunção coordenativa *e*. Está aqui uma outra oposição básica entre os dois contornos entoacionais: a curva descendente indica 'terminação', 'conclusão' e a ascendente 'continuação', 'suspensão', 'não-acabamento'. E esta função da entoação é gramatical, mas é também ou sobretudo discursiva.

No par (3), *penso*, e vale o mesmo para *acho* ou *suponho*, torna tipicamente um tom ascendente, melhor, descendente-ascendente, ao passo que *sei* é dito com um tom descendente. Uma distinção entoacional que está em sintonia com o traço 'certeza' ou 'reforço', 'ênfase' do verbo *saber*, em contraste com o traço 'dúvida' ou 'limitação', 'restrição' dos verbos *pensar*, *achar*, *supor*. O mesmo se aplica aos pares (4) e (5): *geralmente* limita, ao passo que *sempre* enfatiza; *alguns* restringe e *todos* reforça. Nos três casos, a escolha da curva entoacional é determinada pelo significado de um determinado item lexical.

O par (6) pretende ilustrar a distinção semântica associada aos esquemas de entoação com mudança de tom, designadamente a curva descendente-ascendente (6a) e a curva ascendente-descendente (6b). Seguindo a explicação de Halliday (1970), estes esquemas híbridos contêm duas componentes de significado com uma "change of mind" no meio: a curva descendente-ascendente significa "embora pareça que tudo está claro, há efectivamente algo mais envolvido", sendo assim usada com expressões que denotam acordo com reservas, como (6a); a curva ascendente-descendente significa "parece haver dúvidas, mas efectivamente está tudo certo", sendo por isso usada em enunciados que denotam uma convicção não comprometedora, como (6b).

No par (7), o contorno final ascendente (7a) indica uma 'listagem não-concluída, aberta' e o contorno final descendente (7b) uma 'listagem concluída, fechada'. E no par (8) a interrogativa "tag" com curva descendente (8a) pressupõe que o falante tem relativa certeza no que diz e vale como um pedido de acordo, ao passo que a mesma interrogativa com curva ascendente (8b) pressupõe menos certeza e introduz o desacordo do ouvinte. Na classificação de Cruttenden (1981: 80), (8a) é uma "tag" 'conducente' e (8b) uma "tag" 'não-conducente'. Em ambos os pares (7) e (8), a função da entoação é discursiva na medida em que desencadeia diferentes tipos de resposta verbal.

Discursiva ou interaccional é também a significação da entoação dos pares (9)-(12). O contraste de (9) é elucidativo. Em (9a), diz-se quando é que serão vinte e, em (9b), quantos serão em Julho. O tom descendente vem pois acrescentar nova informação à 'base comum' a locutor e alocutário – essa nova informação é Julho em (9a) e vinte em (9b) –, ao passo que o tom descendente-ascendente marca informação como fazendo parte dessa 'base comum' – vinte em (9a) e Julho em (9b). Generalizando, Brazil *et al.* (1980) falam de duas funções centrais da entoação na

criação do texto: a de “proclaiming” (nova informação) e a de “referring” (informação já partilhada). Esta mesma explicação serve para os pares (10)-(12), tomados de Jackendoff (1972: 258ss.), que envolvem a distinção clássica entre tópico e comentário. Assim, tópicos e especialmente topicalizações, quer as que são marcadas por determinadas expressões, como (10b) e (11b), quer as que o são apenas pela ordem, como (12a) e (12b), são geralmente enunciados com uma curva descendente-ascendente.

Finalmente, os pares (13) e (14) representam casos em que o significado da entoação é de natureza mais propriamente atitudinal ou emotiva. A ligeira curva descendente-ascendente de (13b) sugere determinadas ‘reservas’ por parte do locutor em relação à mesma asserção mas claramente enunciada em (13a). Mas se essa mesma curva for acentuada, isso pode significar um elogio. O par (14) exemplifica investimentos entoacionais em sintagmas adverbiais. Uma entoação descendente (14a) denota uma atitude mais agressiva ou então defensiva, ao passo que uma entoação ascendente ou descendente-ascendente (14b) exprime uma atitude mais cortês; nas palavras de Cruttenden (1981: 81), a primeira é mais ‘dogmática’ e a segunda mais ‘conciliadora’. Mas outras atitudes e emoções, como surpresa, espanto, censura, aborrecimento, etc., podem ser expressas pelas curvas entoacionais; por outro lado, a uma mesma curva entoacional podem associar-se diferentes emoções.

Resumindo, os enunciados (1)-(14) exemplificam os seguintes significados das entoações descendente e ascendente (em grande parte, dados por Cruttenden (1981: 81) como *universais* semânticos da entoação):

<i>descida</i>	<i>subida</i>
ASSERÇÃO	PERGUNTA
CERTEZA	INCERTEZA
COMPLETUDE	INCOMPLETUDE
CONCLUSÃO	SUSPENSÃO
REFORÇO	LIMITAÇÃO
INFORMAÇÃO NOVA	INFORMAÇÃO PARTILHADA
CONDUCENTE	NÃO-CONDUCENTE
ASSERÇÃO	ASSERÇÃO COM RESERVAS
DOG MÁTICO	CONCILIADOR

Importa notar que a oposição entre a descida e a subida de entoação é, nos termos da classificação clássica das oposições fonológicas, gradual e privativa (Cruttenden, 1981: 81-82). Gradual, porque existem diferentes graus (amplitudes, durações) de descida e de subida, a que corresponderão diferentes graus de assertividade e não-assertividade. Por exemplo, uma descida de um tom alto para um tom baixo é geralmente mais assertiva e mais emotiva (denota maior envolvimento e maior interesse) do que uma descida de um tom médio para um tom baixo. Mas também sucede que tons altos e tons baixos, quer na descida quer na subida de entoação, estejam associados a vários e diferentes significados específicos (Cruttenden, 1997:

91-106). Privativa, visto que em muitos casos a curva descendente é a que denota o significado 'não-marcado' (por exemplo, 'asserção', frente a 'asserção com reservas' da curva ascendente) e, por outro lado, são os tons descendentes os que sistematicamente são usados pelas crianças na produção das suas primeiras frases.

Refira-se ainda que em casos de potencial conflito entre um significado que, por regra, exige uma entoação ascendente e um outro que requer uma entoação descendente, geralmente os factores de ordem emotiva, lexical ou discursiva anulam as constrações de ordem gramatical. Por exemplo, no enunciado (2b) e no final do seu primeiro grupo entoacional, a curva ascendente, implicada pelo factor gramatical da continuidade, é preterida em favor da curva descendente, exigida pela atitude do falante em querer ser bastante assertivo. E outras excepções ou irregularidades podem encontrar-se. Por exemplo, perguntas marcadas lexical ou gramaticalmente, como *Onde vais?*, recebem, não uma entoação ascendente, mas descendente. Todavia, para Halliday (1970) esta é uma aparente irregularidade, pois este tipo de perguntas não diz respeito à polaridade sim-não: enunciar *Onde vais?* é pedir informações sobre o destino do alocutário e não sobre se ele vai ou não a algum lado.

Uma última observação para dizer que esta oposição envolve tons simples e que os tons complexos, nomeadamente os esquemas descendente-ascendente e ascendente-descendente, esses podem ter outros sentidos, mais específicos e muito variados entre si¹.

4. A estrutura semântica da entoação descendente e ascendente

Vamos agora analisar as relações entre os significados de cada grupo, as dimensões que organizam cada um dos espaços semânticos, numa palavra, a *estrutura* de cada um dos complexos semânticos. Para começar, verifique-se que as soluções minimalistas monossémicas que têm sido encontradas carecem de pertinência: propor as noções de 'fechado' e 'aberto' como significados fundamentais das entoações, respectivamente, descendente e ascendente, como faz Cruttenden (1981: 81; 1997: 163), ou os significados discursivos de 'proclaiming' e 'referring', como estabelecem Brazil *et al.* (1980), é de facto abstrair demais e dizer pouco sobre a semântica destas curvas entoacionais.

Os vários sentidos de cada uma das curvas entoacionais estão ligados entre si por uma complexa rede de mecanismos cognitivos metafóricos e metonímicos, de que Taylor (1995: 161) dá alguns exemplos. Na base desta rede, representada mais adiante na Figura 1, está a metáfora que projecta a imagem (pré)conceptual esquemática ou *esquema imagético* EM CIMA – EM BAIXO do domínio espacial para o domínio prosódico da entoação. As próprias designações *entoação/curva ascen-*

¹ Cruttenden (1997: 91-106) identifica dois sentidos específicos do esquema ascendente-descendente, nomeadamente 'impressionado' e 'provocante', e encontra dois grupos de sentidos no esquema descendente-ascendente, designadamente 'reservas', 'contraste' e 'contradição', de um lado, e 'auto-justificação', 'apelo' e 'aviso', do outro. Mas outros sentidos há destes tons complexos, ligados a diferentes tipos de frases e a grupos entoacionais finais e não-finais.

dente e entoação/curva descendente e subida/descida da (curva de) entoação realizam esta metáfora espacial ou *orientacional* (Lakoff & Johnson 1980: 14). Uma segunda metáfora aplica as orientações deste esquema às noções de 'completude' e 'incompletude', ou 'conclusão' e 'suspensão/continuidade': algo que ainda não terminou ou ainda não se concluiu e que portanto está incompleto está em cima, ao passo que algo que já chegou ao seu termo está em baixo. Enunciando a metáfora, O INCOMPLETO ESTÁ EM CIMA e O COMPLETO/CONCLUÍDO ESTÁ EM BAIXO. Uma metáfora que se fundamenta na experiência que temos dos objectos voadores. Um objecto lançado ao ar descreve uma trajectória em arco antes de se imobilizar, subindo primeiro e depois descendo. O movimento descendente indica a trajectória de aproximação ao ponto de chegada e o movimento ascendente uma trajectória que continua. Assim também, a entoação descendente assinala a aproximação ao termo do enunciado e a entoação ascendente a necessidade de continuar o discurso. Por outro lado, uma metáfora que se apoia nas próprias características fisiológicas e aerodinâmicas da produção da fala: a entoação descendente acompanha naturalmente a redução da pressão sub-glotal que se verifica quando o falante se aproxima do fim de um momento sem inspirar.

É a partir desta segunda metáfora que se dão várias extensões semânticas por implicações ou inferências metonímicas das noções de completude e incompletude. Algo que ainda não terminou traz consigo alguma incerteza ou dúvida, algum desconhecimento sobre se vai ou não ocorrer o que falta verificar-se, justamente porque não podemos conhecer aquilo que ainda não existe; naturalmente, a pergunta, o enunciado interrogativo é a implicação linguística deste desconhecimento. Pelo contrário, algo que está completo não está sujeito à incerteza, pode ser assertado, constituir uma afirmação ou uma negação. O esquema 'em cima – em baixo' é assim metonimicamente aplicado às noções de 'certeza' e 'incerteza', 'asserção' e 'dúvida'. Por outro lado, algo que ainda não terminou tem que continuar para chegar ao seu termo. Ora uma pergunta ou pedido de informação implica a continuação do discurso por parte do alocutário, introduz uma trajectória que continua e termina na resposta deste. Pelo contrário, uma afirmação ou uma negação, isto é, um enunciado assertivo constitui um todo, uma unidade de informação completa. Declaração e pergunta ou asserção e não-asserção são, na sua forma, o meio de verbalização, respectivamente, de uma certeza e incerteza, de uma trajectória completa e incompleta de pensamento/ informação. Deste modo, o esquema 'em cima – em baixo' é metonímica e metaforicamente *gramaticalizado* para a oposição fundamental entre tipos de frase – asserção e pergunta.

De outras inferências metonímicas das noções de 'completo/incompleto' e 'certo/incerto' resultam mais sentidos das entoações descendente e ascendente. Um processo que não está completo espera-se que continue e um processo que continua é, por definição, um processo aberto – 'implicacional'. É assim que a entoação ascendente evoca um significado prospectivo implicacional, uma asserção com implicações, ao passo que a entoação descendente se associa a uma asserção sem mais. Por outro lado, o que está completo e o que é certo merecem ser evidenciados,

ênfatisados, reforçados (evidenciar uma certeza), ao passo que o que não está completo e é duvidoso é naturalmente limitado e limitador. É assim que a entoação descendente pode 'reforçar' (uma ideia, pedir acordo e confirmação nas interrogativas "tag") e a ascendente 'limitar', restringir, condicionar (restringindo um conjunto, pondo reservas, deixando incertezas ou dúvidas, introduzindo desacordo nas interrogativas "tag", etc.). Em terceiro lugar, o que está acabado passa a existir como uma nova entidade, a poder ser adicionado ao que já existe, ao passo que o que ainda não terminou e o que continua são partes de um todo e, como partes, cada uma delas ou outra pode ser seleccionada, pode contrastar. Daqui o significado discursivo de 'informação nova' (adicionada ao "background" informativo comum aos participantes da interacção verbal) vs. 'informação dada e partilhada' (seleccionada ou contrastada como parte do "background" informativo partilhado), associados, respectivamente, às entoações descendente e ascendente.

Finalmente, uma nova metáfora projecta as noções de 'completo-fechado' e 'incompleto-aberto' no domínio atitudinal e emotivo, designadamente DOGMÁTICO É FECHADO e CONCILIADOR É ABERTO. 'Dogmático' e 'conciliador' são noções genéricas, a cada uma das quais corresponderão várias especificações.

Sintetizando, a Figura 1 representa a teia de metáforas e metonímias envolvidas na polissemia da entoação descendente e ascendente.

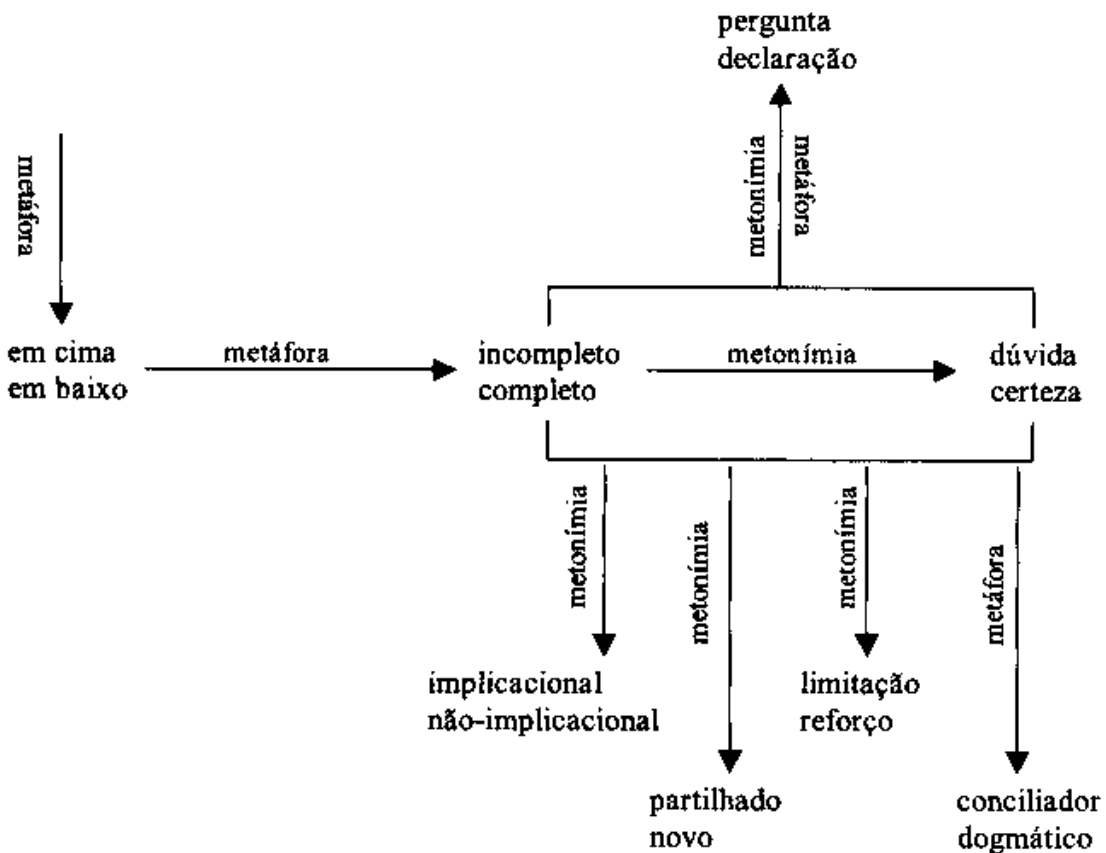


Figura 1. Rede de metáforas e metonímias na entoação descendente e ascendente

Consideremos ainda a *estrutura* destes complexos semânticos, esquematicamente representada, mais adiante, na Figura 2. Uma estrutura, tal como a de muitas outras categorias polissémicas, *radial*, com base num centro prototípico, e *multidimensional*. A entoação descendente tem por significado central (prototípico) uma declaração (afirmação ou negação), uma unidade não-continuativa ou completa e uma certeza; e a entoação ascendente o oposto, designadamente uma pergunta, um segmento continuativo ou incompleto e uma dúvida/incerteza. Protótipos tridimensionais: uma dimensão conceptual ou conceptuo-gramatical (conteúdo assertivo vs. não-assertivo), outra dimensão espaço-temporal discursiva (completo vs. incompleto, não-continuativo vs. continuativo) e uma outra emotiva/atitudinal (certeza vs. dúvida). E os respectivos conteúdos destas três dimensões estão, como vimos, metonimicamente relacionados.

Destes protótipos dimanam os restantes significados, por vários mecanismos de extensão semântica. Por gramaticalização e pragmatização de todo o centro prototípico e, assim, dos seus aspectos conceptuais, discursivos e emotivos (porventura com maior incidência nos primeiros), resultam os significados gramaticais e pragmáticos de tipo de frase declarativo vs. interrogativo e acto ilocutório assertivo vs. não-assertivo e, por generalização, ordem e exclamação vs. pedido. Uma outra extensão conduz aos sentidos discursivos e interaccionais de 'informação nova' vs. 'informação partilhada', 'adição' vs. 'selecção' de informação, 'independente' vs. 'dependente', e esta é uma extensão metonímica particularmente dos aspectos discursivos do protótipo. Uma terceira extensão leva aos sentidos mais claramente emotivos de 'dogmático' vs. 'conciliador' e suas diferentes especificações, e consiste numa metáfora e também metonímia ligadas sobretudo aos aspectos emotivos do protótipo. Outros significados como os de 'neutro' vs. 'com implicações' e 'reforço' vs. 'restrição' resultam de extensões, por generalização, no primeiro caso, e metonímica, no segundo, de aspectos conceptuais, discursivos e emotivos do protótipo.

Há ainda outros dois tipos particulares de extensão do protótipo. Um envolve a combinação e/ou graduação de tons descendentes e ascendentes e seus respectivos significados. O outro tem mais a ver com a variação do que com a orientação da entoação e conduz à função *meta-semântica* da (variação) da entoação: ou seja, a entoação (descendente ou ascendente) indica que determinado elemento (palavra, enunciado ou outra unidade) deve ser entendido num sentido não-literal – contrário (por ironia e antífrase), figurado, eufemístico, favorável ou desfavorável, de não compromisso, etc. Uma extensão que consiste numa *gramaticalização* da própria variação da entoação.

A Figura 2 representa a *estrutura semântica* das duas formas entoacionais.

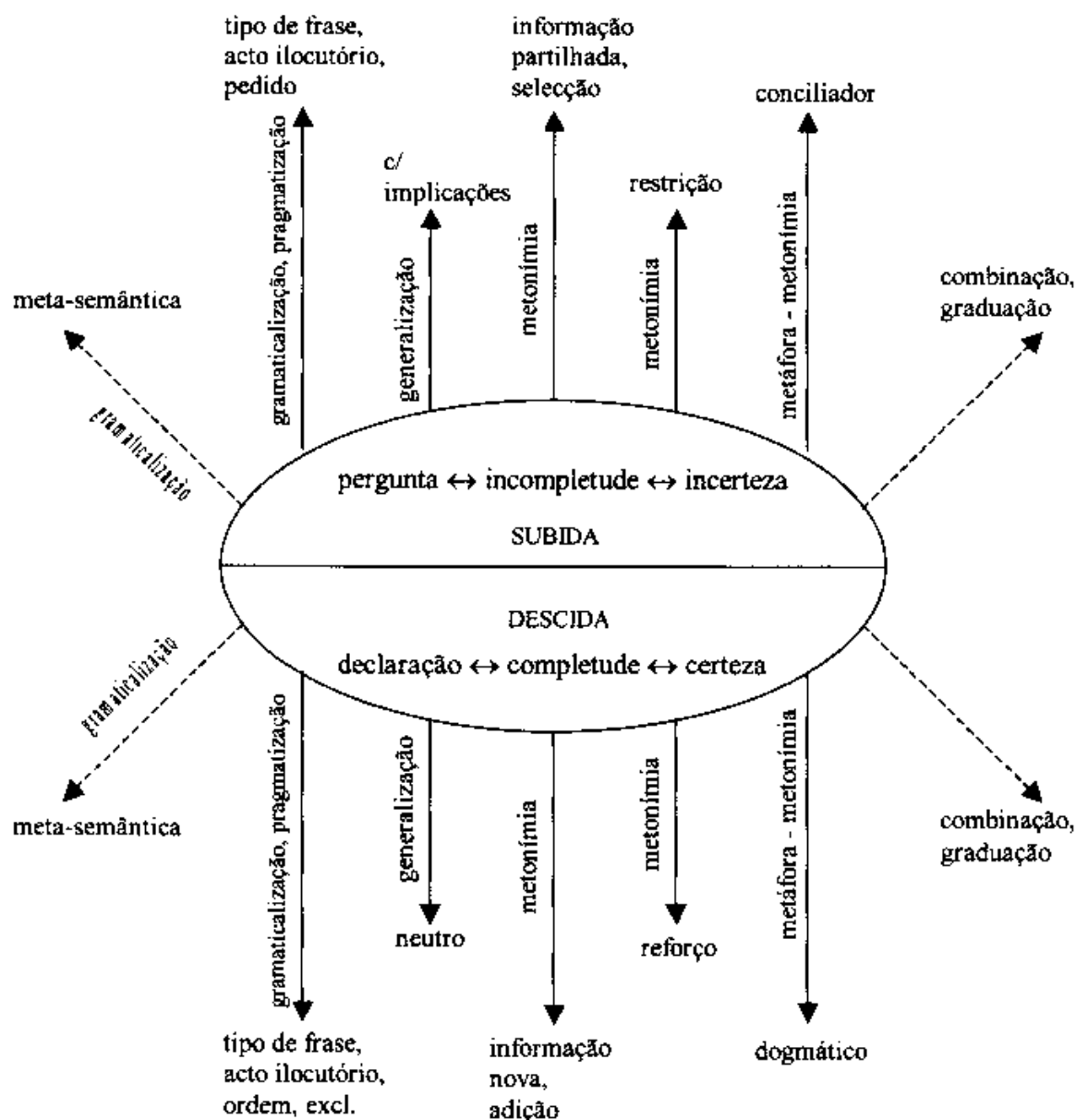


Figura 2. A estrutura semântica da entoação descendente e ascendente

5. Conclusão

Concluindo, esperamos ter justificado os seguintes resultados. Primeiro, a entoação descendente e a entoação ascendente são categorias simbólicas, constituídas por uma forma e vários significados, e apresentam-se em oposição clara mas não dicotómica. Segundo, são várias as funções da entoação, em geral, e da entoação descendente e ascendente, em particular: gramatical (para um estudo cognitivo recente, cf. Croft, 1995), emotiva, discursiva e também meta-semântica, e estas funções não alternam mas antes implicam-se e sobrepõem-se. Terceiro, a curva descendente e a curva ascendente constituem categorias polissémicas, prototípica e multidimensionalmente estruturadas, e a sua polissemia fundamenta-se em imagens

mentais e experienciais de objectos voadores. A descrição que aqui apresentámos para o Português carece de maior desenvolvimento, em particular da análise dos sentidos dos tons complexos ou variações das duas formas entoacionais básicas e, assim, da maneira como estas se combinam para formar os modelos de entoação da frase. Finalmente, um desafio: a abordagem cognitiva em Fonologia, já iniciada e desenvolvida em trabalhos como os de Taylor (1995: 222-238) e Nathan (1996, in press), que analisa os fonemas e outras entidades fonológicas e prosódicas como categorias *conceptuais*, através das quais o conhecimento fonético é organizado e estruturado no sistema conceptual, *experienciais*, porque fundamentadas na nossa experiência perceptiva e nas nossas interacções, e *prototípicas*, estruturadas com base em protótipos e efeitos prototípicos.

Referências

- BRAZIL, D. (1975): *Discourse Intonation*, University of Birmingham: English Language Research.
- BRAZIL, D., COULTHARD, M. & JOHNS, C. (1980): *Discourse Intonation and Language Teaching*, London: Longman.
- CROFT, William (1995): «Intonation units and grammatical structure», *Linguistics* 33, 839-882.
- CRUTTENDEN, Alan (1981): «Falls and rises: meanings and universals», *Journal of Linguistics* 17, 77-91.
- _____ (1997): *Intonation*, Cambridge: Cambridge University Press [¹1986].
- HALLIDAY, M.A.K. (1970): *A Course in Spoken English: Intonation*, Oxford: Oxford University Press.
- JACKENDOFF, Ray (1972): *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KINGDON, R. (1958): *The Groundwork of English Intonation*, London: Longman.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (1980): *Metaphors We Live By*, Chicago: The University of Chicago Press.
- NATHAN, Geoffrey S. (1996): «Steps towards a Cognitive Phonology», in B. Hurch & R. Rhodes (eds.), *Natural Phonology: The State of the Art*, Berlin: Mouton de Gruyter, 107-120.
- _____ (in press): *An Introduction to Cognitive Phonology*, Amsterdam: John Benjamins.
- PIKE, K. L. (1945): *The Intonation of American English*, Ann Arbor: University of Michigan Press.
- SILVA, Augusto Soares (1999): *A Semântica de DEIXAR: Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2000): «A estrutura semântica do objecto indirecto em Português», *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga: APL, 433-451.
- _____ (no prelo): «A estrutura semântica do diminutivo em Português», *Volume de Homenagem ao Prof. José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Faculdade de Letras de Coimbra.
- TAYLOR, John R. (1995), *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*, Oxford: Clarendon Press [¹1989].